

CLIVAGEM E CONSTRUÇÕES SIMILARES: CONTRASTE, FOCO E ÊNFASE

CLEFT CONSTRUCTIONS AND SIMILAR STRUCTURES: CONTRAST,
FOCUS AND EMPHASIS

EROTILDE GORETI PEZATTI¹

Universidade Estadual Paulista/São José do Rio Preto
pezatti@ibilce.unesp.br

Este estudo trata de estruturas denominadas clivagem ou construções-(é)que, em oito variedades portuguesas, objetivando mostrar que as diferenças formais correspondem a diferentes estratégias utilizadas pelo Falante para atingir seus objetivos comunicativos, ou seja, Foco, Contraste e Ênfase, de acordo com a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld e Mackenzie, 2008). Para isso toma como material de análise ocorrências reais de uso extraídas do *corpus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha. A análise dos dados lusófonos revela que clivagem constitui uma estratégia de marcação da função pragmática Contraste; construções de Foco-Ser, por outro lado, são usadas para focalizar um constituinte; (*é*) *que*, por sua vez, constitui um operador de Ênfase, já que assinala o desejo do Falante de intensificar partes de informação.

Palavras-chave: lusofonia, clivagem, foco, contraste, ênfase.

This paper deals with so called cleft constructions and other similar structures in eight Portuguese varieties, aiming to show that the formal differences correspond to different functional strategies used by the Speaker to achieve his/her communicative intentions, i.e., Focus, Contrast and Emphasis, in accordance with the theory of Functional Discourse Grammar (Hengeveld and Mackenzie, 2008). This study takes as evidence real spoken occurrences extracted from a corpus organized by Linguistic Centre at the University of Lisbon, in partnership with the University of Toulouse Mirail and the University of Provence-Aix-Marseille. The results show the following distribution: *cleft construction* is

Recibido
30/01/12
Aceptado
14/05/12

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq (Proc. No. 301210/2009-8);
Bolsista CAPES – Estágio Sênior no Exterior (Proc. No. 5784/10-7).

a strategy for pragmatic function Contrast marking; *Focus-ser constructions* are used to highlight a constituent and (*é*) *que* is used as an operator of emphasis showing the speaker's desire to intensify certain pieces of information.

Key words: varieties of Portuguese, cleft constructions, focus, contrast, emphasis.

0. INTRODUÇÃO

Clivagem tem sido definida como a segmentação da oração, por meio do verbo do *ser* e do complementizador *que(m)*, em duas partes, uma focal e outra não-focal (Longhin 1999). Braga (2009), retomando Jespersen, considera que a clivagem de uma sentença por meio de *It is* (sempre seguido por um pronome relativo ou conectivo) serve para salientar um elemento particular da sentença e, muito frequentemente, ao dirigir a atenção para ele, colocá-lo em foco e marcar um contraste.

A clivagem, segundo Longhin (1999), separa explicitamente os elementos oracionais de diferentes níveis de informação, permitindo aos usuários da língua estratégias de realce ou de focalização de partes de informação avaliadas por eles como mais importantes ou significativas no momento da interação.

Givón (1979) entende que as construções clivadas do inglês surgiram a partir da sintaticização de estruturas discursivo/paratáticas/pragmáticas, condensados sob o mesmo contorno entoacional e com a eliminação progressiva dos traços morfológicos da oração e da cópula *ser*.

Longhin (1999), por outro lado, considera que a clivagem em português surgiu a partir da gramaticalização de construções já existentes na língua, especialmente de construções relativas. Assim, relativas como (01) e estruturas como (02), por meio de um processo de gramaticalização, alteram suas fronteiras e propriedades sintáticas, tornando-se adequadas a funções de natureza mais comunicativa ou interacional, como a de realçar constituintes, dando origem às sentenças clivadas

01 E esto a confortava que era elle cavalleiro mancebo e, por aquesto o cuidaria acabar mais toste seu desejo. Mas **era em seu cora[ç]om tam triste que se fizesse *algua infinta, que queria amar, que lhe seria a mal teudo, se lho soubessem*** (século XIII; *A Demanda do Santo Graal*).

- 02 Ca certas esta aventura nom e senam por vos ‘Non sei’, disse el, ‘mas esto bem querria que meu Deos outorgasse, que **é cousa que de mui grado querria saber**’ (século XIII; *A Demanda do Santo Graal*).

(Longhin 1999, p. 88-89)

Além de clivadas, a autora distingue Pseudoclivadas, exemplificadas em (03), e Pseudoclivadas invertidas, ilustradas em (04), que considera serem as primeiras alternantes clivadas a surgir no português, a primeira no século XIV, e a segunda, no século XV.

- 03 E elle hya em hua carreta que tiravam duas mullas muy nobres e a carreta era tam nobremente feita que muito de maravilhar, ca em ella nom avya fuste ne ferro **e a mais refece cousa que ella era assy eram ossos de madffym** (Século XIV; *Crônica Geral de Espanha de 1344*)

- 03’ (...) e a carreta era tão nobremente feita que era de se maravilhar, nela não havia fuste nem ferro e a coisa mais miserável que havia nela eram ossos de marfim.

- 04 Mas **o erro que fazeys**

he o que me da payxam

oulhay quanto me deueis

nefta foo fatiffaçam. (Século XV; *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*)

- 04’ Mas o erro que fazeis é o que me dá paixão: olhe quanto me debes nesta só satisfação.

(Longhin 1999, p. 95-99)

Defende Longhin (1999) que as Construções Clivadas, exemplificadas em (05) e as Construções *é que*, em (06), emergiram das Construções Pseudoclivadas invertidas. Segundo a autora, é no século XVII que as formas Clivadas, Pseudoclivadas e Construções-*é que* se implementam na língua portuguesa de forma a constituir seu sistema linguístico.

- 05 Porque os creados dos talentos ao longe do rey **he que** melhor fe experimentaõ (século XVII; *Serman da Dominga*)

- 05’ Porque os criados de talentos ao longe do rei é que melhor se exprimem.

- 06 **É** Sacatrapo em pessoa, **que** te vem trazer um recado de Jason. (século XVIII; *Os encantos de Medeia*)

(Longhin 1999, p. 107-109)

Ao oferecerem uma leitura das construções clivadas sob a perspectiva do funcionalismo hallidayiano, Longhin e Ilari (2000) admitem haver a necessidade de estabelecer distinções entre clivagem, construção-*é que* e construção-*que*, já que em interrogativas não-polares, somente é admissível construções com *é que* e *que*. (Longhin e Ilari 2000, p. 207).

Já de uma perspectiva textual, Travaglia (2006) entende que o uso de expletivos como “ser ... que” ou “ser que”, duas formas variantes de construções clivadas, consiste em uma estratégia de marcação de relevo positivo. Para ele, o expletivo *era ... que*, em (07), coloca em proeminência o pronome *ela*, que se refere à avó do informante, centro da narrativa.

07 *ela* então veio com a notícia que aquele Ketchup que estava sendo servido **era** *ela* **que** tinha feito (RJ-DID-328)

(Travaglia, 2006, p. 206)

Braga (2009) reconhece a falta de consenso entre os estudiosos na caracterização e papel funcional dos segmentos que integram as clivadas. Segundo a autora, isso é devido ao fato de que sob esse rótulo encontra-se uma família de construções que compartilham algumas propriedades formais e funcionais e divergem quanto a outras. Para ela, o português brasileiro ilustra bem essa dificuldade, uma vez que é possível identificar duas “famílias” de construções clivadas, cujos membros centrais seriam as Clivadas, correspondentes às *It-clefts* do inglês, e as Pseudoclivadas, correspondentes às *Wh-clefts* (cf. Braga 2009: 180).

O primeiro tipo abarca a Clivada propriamente dita, conforme ilustra (08a), Construções-*é que*, conforme (08b) e Construções-*que*, como em (08c); já o segundo, inclui as Pseudoclivadas propriamente ditas, exemplificadas em (09a), as invertidas, em (09b), as Pseudoclivadas extrapostas, ilustradas em (09c) e as Construções Foco-ser, conforme (09d),

Clivagem

8a. É isso **que** vai ter que ver primeiro.

8b. Lanterna é **que** tem muita.

8c. Os Paraíba brabo lá do fundo **que** fala mal.

Pseudoclivagem

9a. **Quem** estava com a chave **era** o jardineiro.

9b. Bife é **o que** mais sai hoje em dia na cozinha.

9c. Olha, não **fui** eu **quem** tirou a medida.

9d. Só tinha mesmo **era** hospitais do governo.

Esse breve panorama do estudo da clivagem em português mostra uma preocupação maior em se distinguir os vários tipos de estruturas

e suas origens, relegando em segundo plano sua função, já que tais estruturas são tratadas, de modo geral, todas como “estratégias de realce ou de focalização de partes de informação”, de “marcação de relevo positivo” ou contraste. Nesse aspecto surge então a questão: se há tantas formas diferentes, há também diferentes funções? Responder a essa questão é o objetivo deste estudo, que toma como aparato teórico a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld e Mackenzie 2008). Esse modelo funcionalista considera que, quando aspectos do contexto têm impacto sistemático sobre as escolhas gramaticais disponíveis para o Falante na formulação, eles precisam ser explicados.

Como material, foram utilizadas ocorrências reais de uso, extraídas do *corpus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha. Tal amostragem recebe o nome de “Português oral” e desenvolveu-se no âmbito do Projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais”, do qual resultou um *corpus* de amostragens de variedades do português falado. Para este estudo, selecionaram-se as amostragens referentes às variedades que constituem língua oficial do país, ou seja, a brasileira, a portuguesa, as africanas (de São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique) e a timorense².

Neste estudo nos concentraremos nas estruturas denominadas por Braga (2009) de clivagem, construções-*é que*, construções-*que* e construções Foco-ser, conforme exemplificam respectivamente (10), (11), (12) e (13), uma vez que as construções por ela consideradas como pseudoclivagem constituem para nós estruturas relativas, cujas razões não cabem neste momento explicitar.

10 já não *são* as senhoras *que* vão se sentar à frente (PT96:MeioPequeno:9)

11 por que *é que* não aceitaram depois? (TL99:IdentidadePovo41)

12 nós nunca *que* iríamos vender a nossa liberdade e a nossa independência (TL99:IdentidadePovo32)

13 mas ficava o pão melhor, *era*, com a batata? (PT94:AmassarCozer:93)

O texto encontra-se dividido em duas partes. Na primeira, a atenção é dedicada à interação, ou seja, às ações e estratégias adotadas pelo Falante para obter o seu propósito comunicativo, levando em conta

² Os materiais foram obtidos no endereço http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php

o conhecimento de mundo que supõe ter seu interlocutor, conforme propõe a GDF. A segunda parte, por sua vez, apresenta três seções e trata especificamente das construções objeto de estudo. A seção 2.1 é reservada para Clivagem; 2.2 trata das construções de Foco-ser e, por fim, 2.3 enfoca as construções-(é) *que*. As duas partes são seguidas pelas Considerações Finais.

1. UMA QUESTÃO INTERACIONAL

O modelo funcionalista aqui adotado, a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), assume o pressuposto de que as propriedades de enunciados linguísticos são adaptáveis aos objetivos comunicativos que o usuário de língua, na interação com outros usuários, procura alcançar ao usar tais enunciados. Assim a GDF (Hengeveld 2004a, 2004b) é entendida como uma arquitetura modular, com uma organização descendente, do discurso para a forma das expressões linguísticas, pois considera que a construção de expressões linguísticas se inicia na codificação da intenção do Falante e se desenvolve até a articulação. Essa direção é motivada pela suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico no indivíduo, um processo descendente, conforme mostram estudos psicolinguísticos (cf. Levelt 1989).

A arquitetura geral da GDF é constituída de quatro componentes: o conceitual, o contextual, o gramatical e o de saída (cf. Figura 1 abaixo).

O Componente Conceitual é pré-linguístico. Nele, a intenção comunicativa (por ex.: aviso de perigo) e a representação mental correspondente (por ex.: o evento causador de perigo) são relevantes. Por meio da operação de Formulação essas representações conceituais são traduzidas em representações pragmáticas, no Nível Interpessoal, e semânticas, no Nível Representacional. As regras usadas na Formulação são específicas de cada língua.³ Como resultado, representações conceituais similares podem receber representações pragmáticas e semânticas diferentes em diferentes línguas.

As regras de formulação fazem uso de um conjunto de primitivos que contêm *moldes*, lexemas e operadores. As configurações, nos níveis Interpessoal e Representacional, são traduzidas em estruturas morfossintáticas na Codificação Morfossintática. As regras de

³ A GDF não pressupõe noções semânticas e pragmáticas universais.

Codificação Morfossintática caem em um conjunto de primitivos que contém *Padrões* Morfossintáticos, Morfemas Gramaticais e Operadores Morfossintáticos. Similarmente, as estruturas dos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático são traduzidas em estrutura fonológica no Nível Fonológico. As regras de codificação fonológica deságuam em um conjunto de primitivos que contém *Padrões* fonológicos, formas supletivas e Operadores Fonológicos.

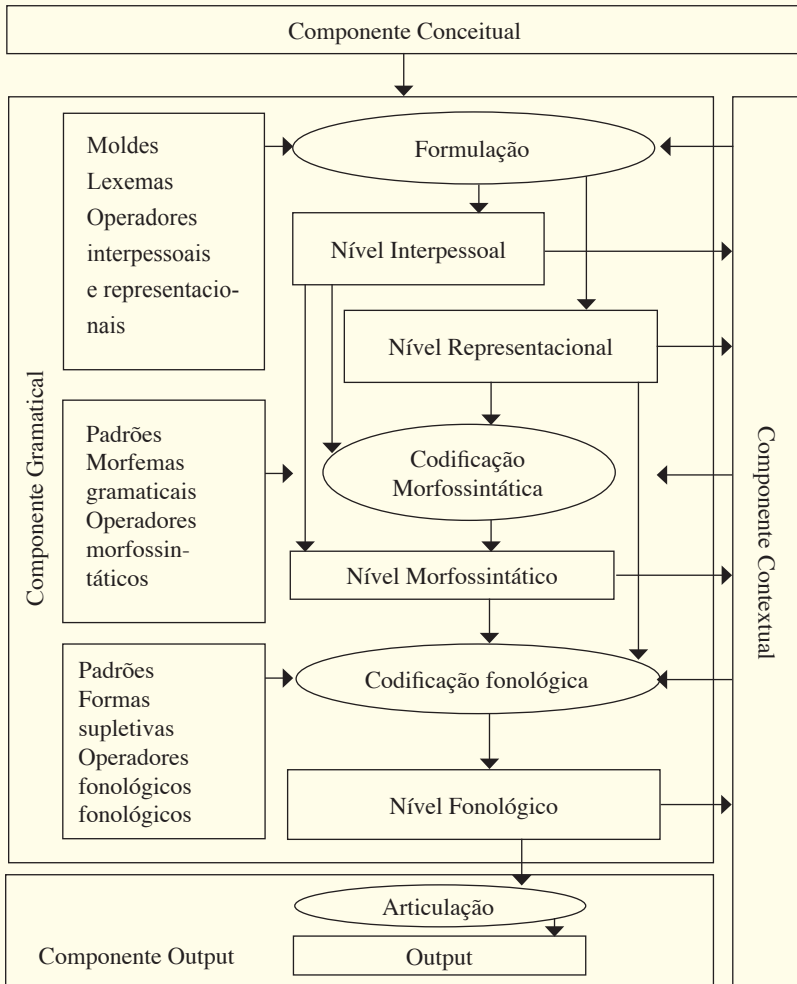


Figura 1. Esboço geral da GDF (adaptado de HENGEVELD, K. e MACKENZIE, J. L. 2008, p. 13)

Ao organizar o Componente Gramatical desse modo, a GDF considera a abordagem funcional de língua em seu extremo lógico: dentro da organização descendente da gramática, a pragmática comanda a semântica, a pragmática e a semântica comandam a morfossintaxe e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe comandam a fonologia.

O Nível Fonológico de representação é o *input* para a operação de Articulação, que, no caso de um Componente de Saída Acústico (diferentemente da escrita ou da língua de sinais), contém regras fonéticas necessárias para alcançar um enunciado adequado. A articulação ocorre fora da gramática propriamente dita.

Os vários níveis de representação dentro da gramática alimentam o Componente Contextual, capacitando subsequente referência a vários tipos de entidades relevantes para cada um desses níveis uma vez introduzidos no discurso. O Componente Contextual alimenta as operações de formulação e codificação, ao disponibilizar antecedentes, referentes visíveis e participantes do ato de fala que podem influenciar a composição do Ato Discursivo subsequente. Para criar uma especificação contextual, o Destinatário tem de reconstruir todos os níveis de representação com base no *output* real da gramática, i. e., o enunciado fonético. A GDF parte da perspectiva da produção linguística e concentra-se no Componente Gramatical.

A operação de formulação no Componente Gramatical converte a intenção comunicativa em representações pragmáticas e semânticas, nos níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente. No próximo estágio, operações de codificação, por seu turno, convertem essas representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas; essas representações constituem o *output* da gramática e ao mesmo tempo o *input* para a operação final de articulação, cujo resultado é a expressão linguística.

Os quatro níveis de representação são hierarquicamente estruturados em camadas de vários tipos. A mais alta camada do Nível Interpessoal é o Movimento, que consiste de um ou mais Ato Discursivo; um Ato discursivo é, por sua vez, organizado sobre um esquema ilocucionário, que contém dois Participantes do Discurso, Falante e Destinatário, e o Conteúdo Comunicado, composto, por seu turno, de Subatos. Cada Subato é uma forma de ação comunicativa do Falante, que pode ser uma tentativa de evocar uma propriedade, denominado Subato de Atribuição, ou de evocar um referente, ou seja, um conjunto nulo,

único ou múltiplo de entidades, denominado, por isso, de Subato de Referência.

No Nível Representacional a unidade mais alta é o conteúdo proposicional (p), que contém um ou mais episódio, que, por sua vez, contém um ou mais estado-de-coisas, organizado em propriedade, indivíduo, lugar, tempo, modo, quantidade e razão.

O Nível Morfossintático é responsável pelas representações estruturais em termos de propriedades lineares das unidades linguísticas e, similarmente a outros níveis, é hierarquicamente organizado em expressão linguística, oração, sintagma e palavra.

Cada um dos níveis de representação dentro do Componente Gramatical é estruturado de modo próprio. O que todos eles têm em comum é uma organização hierarquicamente ordenada em camada, ou seja, são dispostos numa estrutura em camadas. Cada camada é composta de um Núcleo (obrigatório), que pode ser restringido por um Modificador (opcional), especificado por um Operador e ter uma Função. Núcleos e Modificadores representam estratégias lexicais, enquanto operadores e funções representam estratégias gramaticais. Função é sempre relacional e ocorre entre unidades da mesma camada, já o operador se aplica a uma unidade em si mesma.

A intenção do Falante não surge em um *vacuum*, mas sim em um multifacetado contexto comunicativo. Uma dessa facetas constitui o Componente Contextual, que contém dois tipos de informação:

- (1) a informação imediata (de curto prazo) recebida do Componente Gramatical relativa a um enunciado particular que é relevante para a forma que os enunciados subsequentes assumem;
- (2) informações de longo prazo sobre a interação corrente que é relevante para as distinções que são requeridas na língua em uso e que influenciam a formulação e a codificação nesta língua.

Em termos gerais, esses dois tipos de informação podem ser equacionados com as dimensões ‘texto’ e ‘discurso’ respectivamente, como concebido por Cornish (2008). Eles também correspondem em sentido amplo à distinção “forma” e “conteúdo” proposta por Hengeveld (2004a) como parte do Componente Contextual do modelo. A GDF admite que fatores relativos a questões de gênero, registro, estilo etc. são aspectos do contexto de interação que podem ter impactos sobre as escolhas linguísticas do Falante. O que está por trás desta visão é

que incluir os vários aspectos do contexto em um modelo de estrutura de língua retira do modelo seu poder preditivo. Assim, somente quando o contexto tem um impacto sistemático sobre as escolhas gramaticais disponíveis para o Falante na formulação é que esses aspectos merecem explicação.

Em português, informação vinda do contexto situacional, tal como a diferença de gênero (sexo) e a de relação social, é relevante para a codificação. Em (14), a escolha da forma ‘senhor’ em vez de ‘você’ reflete a formalidade da relação entre os interlocutores; já a escolha de *cansado* (e não *cansada*) e de *senhor* (e não de *senhora*) sinaliza o gênero (sexo) do Destinatário. Tanto a relação social quanto o gênero são especificações do Componente Contextual que são refletidos na gramática do português.

14 O *senhor* parece *cansado*!

Tratada de uma perspectiva funcionalista, a clivagem e suas construções correlatas são sempre vistas como estratégias do Falante para realçar ou focalizar partes de informação avaliadas por ele como mais importantes no momento da interação. Isso significa que a clivagem constitui um aspecto formal da unidade linguística que reflete o seu (da unidade linguística) papel na interação entre Falante e Destinatário. Trata-se, portanto, das ações e estratégias adotadas pelo Falante para obter o seu propósito comunicativo, levando em conta o conhecimento de mundo que supõe ter seu interlocutor. São, portanto, aspectos contextuais que trazem consequências para a forma da expressão linguística.

São diversas as estratégias utilizadas pelo Falante com o intuito de atingir sua meta comunicativa. As estratégias de natureza intencional, na GDF, referem-se à *pragmática*. A pragmática constitui o modo como o Falante modela as suas mensagens em relação às expectativas que tem do estado mental do Destinatário. Isso determina as partes de uma unidade linguística que serão apresentadas como particularmente salientes, as que serão escolhidas como ponto de partida do Falante e as que serão consideradas compartilhadas pelo Falante e pelo Destinatário. A influência desses aspectos sobre a estrutura das unidades linguísticas recebe o nome de *função pragmática*, que se aplica ao conteúdo comunicado ou a um de seus constituintes. A GDF

distingue três funções pragmáticas, Tópico, Foco e Contraste, que são linguisticamente marcadas, e têm como contraparte, que raramente é marcada nas línguas, respectivamente o fundo (*background*), o comentário e a sobreposição (*overlap*).

Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram Tópico como a função pragmática atribuída a um constituinte para assinalar como o conteúdo comunicado se relaciona ao registro construído gradualmente no componente contextual, fornecendo um tipo específico de orientação para o estoque de informação nova a ser apresentada⁴. Como é possível observar, essa definição se aproxima da de Chafe (1976), ou seja, o tópico estabelece um esquema espacial, temporal ou individual dentro do qual a predicação principal se mantém, de modo a limitar-lhe a aplicabilidade a certo domínio restrito. Tópicos contêm informação que pode ser inferida do contexto ou informação que pode ser ativada na memória episódica dos interlocutores. Em português, o Tópico é marcado pela posição no campo inicial da oração, à esquerda da palavra verbal, denominada P¹, como exemplificam ocorrências como (15), (16), (17), (18), (19) e (20).

15 *a criança* cresceu (Ang97:ContoTradicional:14)

16 *nós* protegíamos essas crianças (Ang97:Meninos de Rua:72)

17 portanto, *quer a s[...], a escola secundária, quer o ensino universitário* são relativamente tardios (Ang97:EnsinoAngola:30)

18 *o material* é de bananeira (CV95:ColherPanela:70)

19 e *isto* é um aspecto importante (Ang97:EnsinoAngola:48)

20 *o direito* é o instrumento do estado (Bras87: EconomiaSociedade)

Constituintes não Tópicos assumem posições à direita da palavra verbal. Em (21), os argumentos de predicado não tópicos, *graves consequências* e *ao ambiente*, pospõem-se à palavra verbal. O mesmo sucede com o único argumento de predicação de um lugar, que expressa um juízo tético, que não tem Tópico, como em (22).

21 os fluxos migratórios teriam provocado *graves consequências ao ambiente* (Ang97:Guerra e Ambiente:01)

22 acabou *o ensino rudimentar* (Ang97:EnsinoAngola:46)

⁴ Confira Hannay e Martínez-Caro 2008: 60: “topical information providing a specific kind of address for the storage of the new information to be presented”.

Em português é comum a função Tópico ser atribuída a constituintes que indicam o cenário (*setting*) do estado-de-coisas evocado, que pode ser a localização espacial, como em (23), a localização temporal, como em (24), ou mesmo a frequência de ocorrência do estado-de-coisas, como em (25). (Hengeveld e Mackenzie 2008: 94). Como Tópicos, esses constituintes ocuparão o domínio de Pⁱ (posição inicial), colocando-se à esquerda do verbo.

23 *lá* criaram todo o processo de socialização (CV95:IlhaFogo:123)

24 e *agora* recomeçam uma vida nova nessas zonas (CV95:IlhaFogo:128)

25 *vocês todas as noites* tinham esse trabalho, até mais ou menos ao amanhecer? (Ang97:Meninos de Rua:18)

Como é possível notar em (25) acima e (26) abaixo, o português permite com muita facilidade a ocorrência de Tópicos Múltiplos, sempre expressos pela posição no campo inicial da oração (Hengeveld e Mackenzie 2008: 94). Em (25), *vocês* indica a entidade sobre a qual se constrói o comentário, e *todas as noites*, indica o cenário de frequência de ocorrência do estado-de-coisas; já em (26) o cenário temporal é dado pelo advérbio *hoje* e a entidade individual, pelo sintagma nominal *o homem*.

26 *hoje o homem* está muito mais aberto (PT96:BomSensoRosto:78)

Já Contraste, para Hengeveld e Mackenzie (2008), constitui outra função pragmática, ao lado de Foco e Tópico, e assinala o desejo do Falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais conteúdos comunicados ou entre um conteúdo comunicado e informações contextualmente disponíveis, no contexto ou na situação discursiva. Esse aspecto será mais bem explicado na seção 2.1.

Foco, por outro lado, sinaliza a seleção estratégica do Falante de informação nova para preencher uma lacuna na informação do Destinatário, ou para corrigir uma informação do Destinatário. Essa função será mais detalhadamente explicitada na seção 2.2.

Outra categoria pragmática considerada pela GDF e relevante para este estudo é a Ênfase. A Ênfase consiste numa estratégia utilizada pelo Falante para intensificar, por meios lexicais ou gramaticais, um constituinte ou toda a expressão linguística, visando a atingir seus objetivos comunicativos, conforme se verá na seção 2.3.

2. CLIVAGEM E CONSTRUÇÕES SIMILARES NA GDF

2.1. Clivagem

Ocorrências como (27) constitui um claro exemplo de construção clivada. É possível observar que a estrutura clivada – *são as senhoras que* – estabelece uma clara oposição entre *as senhoras* e *os jovens*, que aparece na oração seguinte, na continuação do texto: *já não são as senhoras que se vão sentar à frente da cadei[...], com a cadeira à frente do, do palanque, já é os jovens e, e pronto.*

27 *já não são as senhoras que se vão sentar à frente da cadei[...], com a cadeira à frente do, do palanque, já é os jovens e, e pronto* (PT96:MeioPequeno:9)

Isso indica que as construções tradicionalmente denominadas clivadas, consideradas formas de marcação de Foco (Dik 1997, Hengeveld e Mackenzie 2008: 91), constituem, em português, uma estratégia de marcação de Contraste.

Bolinger (1961: 83) define contraste como o fenômeno pelo qual dois ou mais itens são contrabalançados, indicando-se a preferência por um deles ou por vários membros do grupo. Ressalta, porém, que só há *contrastive accent* quando o número de candidatos a ocupar a posição potencialmente contrastiva é limitado.

O fenômeno da contrastividade, para Chafe (1976), envolve três fatores: o conhecimento pressuposto (*background knowledge*), entendido como dado; o número, geralmente limitado, de candidatos possíveis para exercer o papel em questão; e a asserção que contrasta o candidato correto com outros possíveis, ou seja, “*eu acredito que você acredita que algo aconteceu, que você tem um conjunto limitado de candidatos na mente e eu digo a você que esse alguém é alguém específico, em vez de outro*”. Em inglês, segundo o autor, pode-se exprimir a contrastividade por meio da entonação mais alta e acento mais forte no foco de contraste, mediante o uso de sentenças clivadas, de sentenças pseudo-clivadas e ainda por meio do tópico.

Taglicht (1984), por sua vez, considera a noção de contraste a partir das perspectivas entonacional e contextual. Segundo ele, um elemento é contrastivo quando apresentado como um de um par de opostos. Para ele, a oposição é um conceito pragmático-contextual, que pode ser representada por termos semanticamente opostos (ex.: frio vs. quente, agradável vs. chato, etc.) ou por estruturas sintaticamente

paralelas (ex: João é agradável e Paulo, um chato). O contraste também pode ser caracterizado como explícito (ambos os membros do par de opostos estão presentes no enunciado) ou implícito (apenas um elemento do par está presente). De acordo com o autor, é a forma do enunciado que transmite a implicação de que alguma coisa não dita teria contido o outro membro.

Dik (1989), por outro lado, considera contraste um tipo de foco, a que denomina Foco Contrastivo. São os casos em que a informação focalizada nem sempre é totalmente nova, mas é colocada em foco em virtude de algum contraste implícito ou explícito com alguma parte da informação. Assim, esse tipo de foco envolve sempre algum contraste entre o constituinte Foco e as partes alternativas de informação que podem ser apresentadas de forma explícita ou pressuposta. No primeiro caso, tem-se Foco Paralelo e os elementos focalizados desempenham a mesma função sintática. Nos outros tipos de Foco Contrastivo, a informação apresentada contrasta com outra que o Falante pressupõe estar armazenada na memória do destinatário. Implica sempre uma pressuposição, sendo por isso denominado de contrapressuposicional, que, por sua vez pode ser Substitutivo (o Falante pressupõe que o destinatário possui uma parte incorreta de informação X, que deve ser substituída por uma correta informação Y); Expansivo (o Falante pressupõe que o destinatário possui uma informação X, mas que X não está completa, havendo uma informação Y que é também importante que o destinatário conheça); Restritivo (o Falante presume que o destinatário dispõe de uma parte de informação correta e outra incorreta. Nesse caso, o Falante corrige a informação pragmática do destinatário ao restringir um conjunto de itens pressupostos àqueles que considera ter os valores para a posição envolvida); Seletivo (o Falante pressupõe que o destinatário acredita que a informação X ou Y está correta, mas não sabe qual).

A GDF (Hengeveld e Mackenzie 2008), por sua vez, conforme já observado, considera Contraste como outra função pragmática, ao lado de Foco e Tópico. A função Contraste assinala o desejo do Falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais conteúdos comunicados ou entre um conteúdo comunicado e informações contextualmente disponíveis, no contexto ou na situação discursiva. Assim, Contraste, na GDF, envolve todos os tipos de foco contrastivo

assinalados em Dik (1989). É sob esse conceito que são aqui analisados os dados lusófonos.

A função *Contraste*, em português, é geralmente marcada por operadores (elementos gramaticais), que normalmente antecedem o termo contrastado.

Operadores como *apenas* e *só* restringem um conjunto de itens pressupostos àquele que o Falante considera adequado, uma vez que presume que o Destinatário possui uma parte de informação que não é correta. Nesse caso, ele corrige a informação pragmática do Destinatário ao restringir um conjunto de itens pressupostos àqueles que considera ter os valores para a posição envolvida. Em (28), fica clara a intenção do Falante, evidenciada pelo uso do operador *apenas*, de opor mulheres a homens, ao argumentar que a sociedade de Guiné-Bissau tem na figura da mulher a reserva de sua subsistência, uma vez que ela assume a responsabilidade do cultivo de alimentos; em (29), com o operador *só* o Falante opõe sal a outros tipos de temperos, para justificar que a carne muito temperada fica enjoativa.

28 encontramos nos campos *apenas mulheres* (GB95:MulherAfricana:37)

29 então você assa a carne *só no sal* (Bra80:ComerFalarBem:12)

Já operadores como *também* adicionam uma informação a outra pressuposta ou já mencionada, pois o Falante acredita que o Destinatário possui uma informação que não está completa. Assim, em (30), a intenção do Falante é acrescentar o surgimento da esterilidade às outras consequências do aborto clandestino, já mencionadas.

30 *também* aparece a esterilidade (GB95:Aborto:56)

Por outro lado, operadores como *principalmente* e *sobretudo* indicam a crença do Falante de que o Destinatário acredita que mais de uma informação pode ser correta, por isso seleciona a informação mais adequada, marcando-a com um desses operadores, como se pode constatar em (31).

31 e isso vai-se traduzir numa primeira explosão escolar *sobretudo* no secundário (Ang97:EnsinoAngola:49)

Além do uso dos operadores acima mencionados, o Falante pode recorrer a outra estratégia para contrastar duas informações. Nesse

caso, no entanto, o Falante indica ao Destinatário que substitua uma informação incorreta pela que ele (Falante) considera a correta. É exatamente isso que expressam as construções tradicionalmente denominadas clivadas, como em (32). Facilmente se percebe, nessa ocorrência, uma oposição entre *a classe dominante* expressa no texto e a classe menos favorecida, não claramente expressa mas pressuposta no componente contextual pelo cotexto anterior.

- 32 - - e à cultura, o cara não tem direito a nada, meu, só vive que nem um animal.
 - - e nem de acesso ao material que ele produz
 - e é o cara, e é o cara que produz esse prédio aqui, em que a gente está morando e tudo o mais. *e então é a classe dominante que usufrui de, da, cultura, pô* (Bra87:EconomiaSociedade:44)

Assim, tanto em (27) acima, e aqui repetida, quanto em (32), a construção *é...que* constitui uma forma de codificar, considerando as informações compartilhadas pelos interlocutores (Falante e Destinatário), a intenção do Falante de solicitar ao Destinatário que substitua uma informação incorreta pela que considera correta para assim atingir seu propósito comunicativo.

- 27 *já não são as senhoras que se vão sentar à frente* da cadei[...], com a cadeira à frente do, do palanque, já é os jovens e, e pronto (PT96:MeioPequeno:9)

Essa intenção, que ocorre no Nível Interpessoal, é formalmente, expressa no Nível Morfossintático, por meio da construção clivada, constituída do verbo *ser* mais *que*. A cópula tende a refletir o número e pessoa do nome contrastado, e o modo e tempo expresso no verbo da oração principal, como mostram *são*, em (27) que copia o tempo e modo verbal de *ir*, e *é*, em (32), que faz o mesmo com relação ao verbo *usufruir*.

O operador de Contraste *é...que* caracteriza-se pela descontinuidade, ou seja, posiciona-se parte (verbo *ser* flexionado) antes e parte (partícula *que*) após o núcleo que especifica. Isso diz respeito à ordenação de constituintes da oração que, na GDF, também pertence ao Nível Morfossintático, uma vez que a linearização de constituintes serve como um dos mecanismos pelos quais relações e funções vindas de níveis mais altos podem ser formalmente expressas. Assim, o operador de Contraste permanece no domínio do sintagma, uma vez que especifica um Subato, girando em torno de seu núcleo, permitindo

assim que o sintagma, por sua vez, permaneça na sua posição canônica dentro da oração.

Além disso, como informação compartilhada, os sintagmas nominais, que representam os Subatos de Referência, são marcados pelo operador de Identificabilidade, também pertencente ao Nível Interpessoal. Identificabilidade, na GDF, refere-se à avaliação do Falante sobre a possibilidade de o referente de um Subato ser identificável, tanto para o Destinatário quanto para si próprio. Assim um referente pode ser identificável (+id) ou não (-id) para o Destinatário, e específico (+s) ou não (-s) para o próprio Falante, o que permite quatro combinações: (i) (+id, +s R), (ii) (+id, -s R), (iii) (-id, +s R) e (iv) (-id, -s R).

Em construções clivadas o Subato Referencial é marcado pelo operador (+id), uma vez que o Falante pressupõe que o referente é identificável para o Destinatário, e pelo operador (+s), já que é específico para o próprio Falante. Essa identificabilidade vinda do Nível Interpessoal é marcada em português pelo artigo definido *o*, obviamente flexionado em gênero e número, de acordo com o núcleo a que especifica, como fica claro nos exemplos (27) e (32) respectivamente com *as senhoras* e *a classe dominante*.

2.2. Construções de Foco-Ser

Segundo Dik (1989), parcialmente correspondente à distinção dado/novo é a dimensão da focalidade, que se refere a porções de informação mais salientes ou importantes em relação às mudanças que o Falante deseja efetuar no conhecimento pragmático do Destinatário.

A função Foco de uma expressão linguística é a informação relativamente mais importante ou saliente num dado contexto de interação verbal, e avaliada pelo Falante como essencial para ser integrada na informação pragmática do destinatário. A informação focal se refere então às mudanças que o Falante deseja provocar na informação pragmática do Destinatário. Dessa forma, deve haver sempre alguma diferença entre a informação pragmática do Falante e o quadro que ele faz da informação pragmática do Destinatário. A informação focal é apresentada como “nova” para o Destinatário.

A GDF (Hengeveld e Mackenzie 2008), baseando-se em Dik (1989), considera que, na interação, a função Foco sinaliza a seleção estratégica do Falante de informação nova para preencher uma lacuna na informação do Destinatário, ou para corrigir uma informação do

Destinatário. Um claro exemplo da função Foco para preencher uma lacuna de informação encontra-se em ilocuções interrogativas parciais, mais exatamente em Interrogativas de Conteúdo, ou Interrogativa-Q. Nesse caso, essa função é marcada por operadores apropriados, que se colocam geralmente em posição inicial da oração, como mostram (33), (34), (35), (36) e (37), podendo aparecer também em posição final, como em (37), mas, nesse caso, constitui uma pergunta retórica, com finalidade discursiva diferente, como bem mostram Pezatti e Fontes (2011) e Fontes (2012)⁵.

32 e *qual* é a sua maior aspiração? (Ang97:JovemGaspar:70)

33 *o que* é que tem no resto da fazenda? (Bra80:Fazenda:74)

34 de *quantos* em *quantos* anos(erupções) aparece? (CV95:IlhaFogo:03)

35 *como* é que isso aconteceu? (PT97:NamoroOutrosTempos:01)

36 a *quem* terá saído? (PT95:JuventudeOntemHoje102)

37 caía *por quê*? (PT95:Bruxedos:25)

Em ilocuções Declarativas, a função Foco, como estratégia de informação nova, ocorre em construções existenciais. Nessas construções, a unidade semântica, que não é argumento de nenhum predicado, contém a informação nova, sendo, portanto o Foco, o que lhe vale a posição final da oração, conforme se verifica em (38), uma construção existencial com *ser*, e (39), com *haver*.

38 são *milhões de pessoas* que se deslocam e ficam concentradas durante meses na mesma região em que destroem completamente todo o coberto vegetal (Ang97:Guerra e Ambiente:32)

39 pelo menos num raio de dez a vinte quilômetros, não há *vegetação* (Ang97:Guerra e Ambiente:61)

Essa função de sinalizar a seleção estratégica do Falante de informação nova para preencher uma lacuna na informação do Destinatário, como mostram (40) e (41), pode ser codificada por meio do que Braga (2009) denomina construção Foco-ser. Em (40), o sintagma *destas raízes* constitui a informação nova solicitada pelo documentador já no início da entrevista sobre a origem da palavra *morna*. Observe que, sem o operador de Foco *foi*, a oração *saiu destas raízes* seria informacionalmente neutra, e *destas raízes* não teria destaque.

⁵ Para maiores detalhes ver Fontes (2012).

- 40 - portanto, estava-me a dizer, eh, estávamos a falar sobre a origem da palavra “morna”.
- > sim. eh, dizem que a palavra «morna» nasceu de, do vocábulo «mourni[...]», «mourning», eh, quer dizer que as pessoas que, que cantavam não cantavam, quer dizer, eh, sabe que às vezes quando no[...], eh, [...], como se diz, na, quando, eh, aconteceu que morreu alguma pessoa
 - sim
 - > etc., então o inglês d[...], o inglês diz «they are mourning»
 - hum, hum.
 - > estão no sentimento do morto, etc.
 - hum, hum.
 - > e então dizem que o senti[...], o senti[...], o sentimento, o canto da morna
 - hum, hum
 - > *saiu foi destas raízes* (CV95:AsMornas:13)

A ocorrência (41), por seu turno, apresenta no discurso um constituinte pela primeira vez, ou seja, fornece uma nova informação (*com aquarela*), considerada pelo Falante muito importante para o Destinatário acrescentar à sua informação pragmática.

- 41 a única coisa que tinha a fazer era só investigar assim sozinho através de, eh pá, material que eu tinha, não é, lápis de carvão e tal. mais tarde dediquei-me, comecei a dedicar-me na pintura *comecei a pintar, principalmente foi com aquarela* (Moç83:CantarPintar36)

Essa intenção de salientar um constituinte que carrega a informação nova, uma escolha efetuada no Nível Interpessoal, é codificada morfossintaticamente pelo operador *foi*, ou seja, o verbo *ser* flexionado no mesmo modo (indicativo) e tempo (pretérito perfeito) do verbo principal, *saiu* e *comecei*, respectivamente em (40) e (41). É interessante observar que em (41) – *comecei a pintar, principalmente foi com aquarela* – o constituinte *com aquarela*, além de Foco, como já observado, tem também a função Contraste, marcada por *principalmente*.

Construção de Foco-ser pode ainda indicar a correção de uma informação que o Falante considera obscura, inadequada ou incompleta. É o que se percebe em (42), em que o Falante solicita do Destinatário uma correção em sua informação pragmática, ao responder a pergunta contida no Ato Interrogativo *ficava o pão melhor, era, com a batata?* O Foco, nesse caso, é marcado pelo verbo *ser* flexionado no mesmo modo (indicativo) e tempo (pretérito imperfeito) do verbo principal, concordando em número e pessoa com o nome a que se refere, *batata*.

- 42 -> não havia. há batata doce mas está quase a quatrocentos escudos.
 - não, mas antigamente, não se costumava misturar?
 -> antigamente quem tinha de casa... misturava. amassava, cozia-se a batata, pela[...], descascava-se, e ao depois ama[...], amassava-se separado e ao depois é que se deitava no pão. limpava-se bem limpinho para não levar...
 - mas ficava o pão melhor, **era**, com a batata?
 -> ficava! é du[...], é, dura mais dias, eh, o pão mais fofo
 - hum, hum. (PT94:AmassarCozer:93)

Pelos exemplos, é possível observar que os referentes dos Subatos envolvidos não precisam necessariamente ser identificáveis para o Destinatário, uma vez que em (40) *raízes* é entendida como identificável, tanto para o Destinatário quanto para o Falante (+id, +s R), uma vez que pode ser inferida do cotexto, o que é codificado pelo uso do demonstrativo *esta*. O mesmo se observa em (42), com o sintagma *a batata*, claramente referida no contexto precedente. Já em (41), *aquele* é referida como não identificável (-id) para o Destinatário e específico (+s) para o Falante, não sendo, portanto, marcada morfossintaticamente.

Outra propriedade das construções de Foco-Ser, como observado por Braga (2009), é que são adequadas para focalização de qualquer material que se coloque à direita do predicado verbal principal, em outras palavras, esse tipo de construção nunca ocorre à esquerda do verbo principal.

Na verdade, construção de Foco-ser constitui uma estratégia para destacar elementos que, na ordenação canônica, já se posicionam no final da oração, por isso a necessidade do uso do operador de função pragmática Foco. Esse operador, por seu turno, sempre se colocará à esquerda do sintagma que especifica, indicando um movimento para a frente.

2.3. Construções-(é) que

Diferentemente de Braga (2009), não distinguimos construções-*é que* de construções-*que*, pois, da perspectiva da GDF, essas duas estruturas constituem uma mesma estratégia do Falante. Construções-*é que* e sua variante *que* assinalam o desejo do Falante de intensificar partes de informação. Trata-se, portanto, de uma estratégia de Ênfase, marcada pelo operador (*é*) *que*.

Ênfase não tem sido tratada na literatura linguística como uma categoria à parte. Ela é sempre referida como uma forma de salientar

constituintes, e muitas vezes confundida com Foco. Ênfase e Foco de modo geral são tratados indistintamente.

Na GDF, no entanto, ela tem um lugar de proeminência, sendo entendida como uma categoria pragmática que perpassa todas as camadas do Nível Interpessoal (Ato, Ilocução, Conteúdo Comunicado e Subatos). A Ênfase, na GDF, constitui mais uma estratégia utilizada pelo Falante para atingir seu propósito comunicativo. É, então, definida como a intensificação, por meios lexicais ou gramaticais, de um constituinte ou de toda a expressão linguística. Deve, no entanto, ser distinguida das funções pragmáticas Tópico e Foco⁶, conforme acima definidas, uma vez que é possível enfatizar um constituinte Tópico, como mostram (43) e (44), cuja intensificação é efetuada pelo operador *todos* e pelo modificador *mesmo* respectivamente; e Foco, como em (45), em que o constituinte focal da construção existencial – *dois aspectos que têm que se, que fazer* – é intensificado pelo operador *já*.

43 e os filhos_{Top} ficaram **todos**_{Enf} ricos (PT97:DesportoDinheiro:84)

44 eu_{Top} **mesma**_{Enf} levei um susto agora (Bra80:Fazenda:105)

45 portanto há aqui **já**_{Enf} *dois aspectos que têm que se, que fazer*_{Foco} (Ang97:Guerra e Ambiente:106)

Como observado, essa categoria interacional pode ser aplicada a diferentes camadas do Nível Interpessoal. Um Ato Discursivo, por exemplo, pode ser intensificado por meio de um modificador como *caramba*, para expressar irritação ou raiva, conforme demonstra (46).

46 sabe, eu brinco de lutar com meu, com meu filho, *caramba!* (Bra80:CriarFilhos:18)

Operador de Ênfase pode referir-se a todo o conteúdo comunicado, assumindo a posição inicial (P¹) e especificando tudo o que vem à sua direita. Em (47), *aí* intensifica o conteúdo comunicado que ele introduz em relação aos conteúdos comunicados anteriormente expressos.

47 é muito mais bonita porque é muito mais antiga. ela deve ser, está-se presumindo que essa casa já foi, nós encontramos, quer dizer, nós não, meus tios encontraram com, quando compraram a fazenda já tinha essa casa. *aí mandaram construir essa que nós moramos* (Bra80:Fazenda:91)

⁶ A função pragmática Contraste não permite Ênfase.

A Ênfase pode recair sobre parte do conteúdo comunicado, como exemplificam (48) e (49), em que os operadores *ainda* e *já* denotam, em (48), a intenção do Falante de ressaltar o momento antecipado da indolência das ovelhas; e em (49), de salientar o momento de ocorrência do estado-de-coisas.

48 *ainda* com sol [as ovelhas] já estão encostadas (PT97:SerPastor:88)

49 *já* em sessenta e oito houve um surto de escolas, que foram abertas (CV95:RaparigasCV:07)

Construções-*é que* e sua variante *que* constituem, dessa perspectiva teórica, também uma estratégia para enfatizar uma informação. Como bem assinalam Longhin e Ilari (2000), o operador de ênfase (*é que*) é comumente usado em ilocuções Interrogativas para enfatizar o constituinte-Q, de qualquer categoria semântica. Não há restrição também quanto ao tipo de Interrogativa, que pode ser direta, como em (50), (51) e (52), em que o operador Q representa respectivamente as categorias semânticas de modo, indivíduo e causa; ou indireta, como em (53) e (54), cuja interrogação incide, no primeiro caso, sobre a locação e, no segundo, sobre uma das unidades de uma construção de identificação.

50 como *que é* o relacionamento com a sua irmã mais nova? (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:83)

51 e o que *é que* aconteceu? Bra87:EconomiaSociedade:101

52 por que *é que* então não pode entrar nesse estudo? (Moç97:Maternidade53)

53 o meu irmão mais velho, não me recordo onde *é que* estaria, (Moç86:Chuva:31)

54 não estou a ver exactamente qual *é que é* a história(PT97:BoaPontaria02)

Esse operador de Ênfase não se restringe, no entanto, a ilocuções interrogativas, podendo marcar também constituintes de ilocução Declarativa, como atestam as ocorrências (55), (56) e (57).

55 nós nunca *que* iríamos vender a nossa liberdade e a nossa independência (TL99:IdentidadePovo32)

56 isso *é que é* o churrasco (Bra80:ComerFalarBem:16)

57 mas o tubarão que tem a fama *é que* se apossou do mar (To-Pr96:Pesca:86)

Em (55), não há dúvida de que o elemento enfatizado é o operador de tempo negativo *nunca*. (56) e (57), porém, podem sugerir tratar-se de contraste. Informações contextuais, no entanto, indicam, em (56),

que a intenção do Falante naquele momento é ressaltar o que considera um verdadeiro churrasco, sem estabelecer contraste com outras partes de informação; e em (57), que o Falante deseja apenas assinalar que o tubarão é o dono do mar, conforme se verifica em (56a) e (57a).

56a- ah! um bom churrasco, você pega a carne, lava a carne direitinho, joga um sal grosso na carne e leva ela ao fogo, simplesmente. é o bom churrasco. é o churrasco gaúcho, é. porque a carne com um certo tempero, ela fica enjoativa, então você assa a carne só no sal e prepara o molho à parte: cebola, tomate picadinho, alho, vinagre, azeite, certo, sal, mais um pouquinho, uma pimentazinha de leve; então depois a pessoa que gosta bota no prato

- hum, hum.

- à parte, uma farofa! *isso é que é o churrasco... ao molho...* (Bra80: ComerFalarBem:16)

57a-há um, há um ditado aqui em São Tomé que diz que... Deus fez o mar para todos os peixes, *mas o tubarão que tem a fama é que se apossou do mar*. tomou o mar só para ele.

-> só para ele.

- isso é, tem o sentimento que isto é verdade? é verdade que o tubarão é que reina no mar, aqui em São Tomé?

-> em São Tomé, o tubarão reina aí no mar.(To-Pr96:Pesca:86)

Braga (2009) observa que as Construções-*é que*, na fala, tendem a dispensar a correlação modo-temporal e a concordância número-pessoal. Apesar de não ter sido atestado em nosso corpus, é perfeitamente possível construções como (56b) e (57b).

56b *isso é que* era o churrasco

57b *mas o tubarão que tem a fama foi que* se apossou do mar

Segundo Braga (2009), a restrição à variação sugere que a expressão *é que* está constituindo um todo amalgamado, imune à correlação modo-temporal, à concordância número-pessoal e à interferência de material linguístico entre os dois itens que a integram. Isso indica que a expressão *é que* está se gramaticalizando como uma locução sinalizadora de foco e que os segmentos vinculados por ela não constituem uma estrutura bioracional. Para a autora, construções-*que*, para as quais as questões relacionadas à concordância número-pessoal e correlação modo-temporal não se colocam, visto que esta estratégia de focalização dispensa o verbo copular, o item *que* abandona sua propriedade conectora e passa a funcionar como um marcador gramatical de foco.

Concordamos com as afirmações da autora com relação à gramaticalização de (*é*) *que*, mas divergimos no tipo de categoria interpessoal que veicula, pois, como demonstrado, tanto *é que* quanto sua forma mais gramaticalizada *que* constituem, nos termos da GDF, um operador de Ênfase.

Os exemplos mostram que o operador de Ênfase (*é*)-*que* aplica-se a Subatos do Conteúdo Comunicado. Esses Subatos, no entanto, podem ser de Atribuição ou de Referência. Em (55), esse operador aplica-se ao Subato de Atribuição temporal, que se expressa morfossintaticamente por meio de *nunca*. Já em (56) e (57), especifica Subatos Referenciais, respectivamente *isso* e *o tubarão*. Nos dois casos trata-se de Subatos identificáveis (+id +s) para o Destinatário e para o Falante. A identificabilidade, em (56), é expressa pelo demonstrativo *isso*, que retoma todo contexto anterior; em (57), por outro lado, *o tubarão*, por ser ancorado pela oração adjetiva e constituir uma informação dada no discurso, é marcado morfossintaticamente pelo artigo definido *o*.

Outra marca formal desse operador de Ênfase é a posição que ocupa na linearização dos constituintes. Como se pode observar pelos exemplos, o operador (*é*)-*que* posiciona-se, dentro do sintagma a que pertence, sempre à direita do seu núcleo, indicando um movimento para trás, independentemente da categoria semanticamente expressa: modo, tempo, razão ou indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumindo, de acordo com o aparato teórico aqui adotado, que os aspectos do componente contextual que têm impacto sistemático sobre as escolhas gramaticais disponíveis para o Falante na formulação precisam ser explicados, a proposta deste artigo é mostrar que as diferentes formas de clivagem correspondem a estratégias discursivas distintas utilizadas pelo Falante para atingir seus objetivos comunicativos.

A GDF distingue funções pragmáticas (Foco, Tópico e Contraste) de outras categorias do Nível Interpessoal, como Ênfase, Mitigação, Identificabilidade, Exatidão e Aproximação. Cada uma dessas categorias pragmáticas aplica-se a camadas específicas do Nível Interpessoal, com exceção da Ênfase que é atribuída a todos os tipos de unidades acionais: Ato discursivo, Ilocução, Conteúdo Comunicado e Subatos de Atribuição e de Referência.

Como demonstramos, diferentes formas correspondem a diferentes estratégias discursivas de que se serve o Falante para conseguir seu propósito comunicativo. Assim, clivagem e construção de Foco-ser constituem formas de marcação de função pragmática, pois leva em conta o modo como o Falante modela as suas mensagens em relação às expectativas que tem do estado mental do Destinatário. Dessa forma, construção Foco-ser determina as partes de uma unidade linguística que são apresentadas como particularmente importante para o Destinatário acrescentar à sua informação pragmática ou corrigi-la. Por outro lado, ao se servir de uma construção clivada, o Falante, considerando as informações que pressupõe estar armazenada na memória do Destinatário, salienta uma delas com base em diferenças ou semelhanças entre elas. Construções-(é) *que*, por sua vez, permitem ao Falante intensificar um Subato dentro do Conteúdo Comunicado.

Como é possível notar, essas construções (clivagem, construções-*é que*, construções-*que* e construções Foco-ser) revelam ações e estratégias adotadas pelo Falante para obter propósitos comunicativos diferenciados, contrariando o que Braga propõe ao afirmar que “Tais fatos mostram que, no que diz respeito às construções clivadas, no português falado no Brasil, a hipótese de um isomorfismo entre forma e função deve ser rejeitada em favor de uma abordagem sensível ao caráter não discreto das categorias linguísticas.” (Braga 2009: 192)

REFERÊNCIAS

- Bolinger, Dwight. 1961. Contrastive accent and contrastive stress, *Language*, 37: 83-96.
- Braga, Maria Luíza. 2009. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista, *Matraga*, 16:173-196.
- Chafe, Wallace. 1976. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics, em C. N. Li, *Subject and topic*, New York, Academic Press: 26-55.
- Cornish, Francis. Text and discourse: Discourse anaphora and the FDG contextual component, comunicação apresentada no 13th *International Conference on Functional Grammar*, Harrow, Londres, 3-6 setembro 2008.
- Dik, Simon. 1989. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause, Dordrecht/Providence RI, Foris Publications.
- Dik, Simon. 1997. *The theory of functional grammar*. Part. 2. Complex and derived constructions, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- Fontes, Michel Gustavo. 2012. *As interrogativas de conteúdo na história do português brasileiro: uma abordagem discursivo-funcional*, Dissertação, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. Inédita.

- Givón, Talmy. 1979. *On understanding grammar*, New York, Academic Press.
- Hengeveld, Kees. 2004a. The architecture of a functional discourse grammar, en J. L. Mackenzie e M. de los A. Gómez-González (eds.), *A new architecture for functional grammar*, Berlin/New Cork, Mouton de Gruyter: 01-21.
- Hengeveld, Kees. 2004b. Epilogue, en J. L. Mackenzie e M. de los A. Gómez-González (eds.), *A new architecture for functional grammar*. Berlin/New Cork, Mouton de Gruyter: 365-78.
- Hengeveld, Kees; Mackenzie, J. Lachlan. 2008. *Functional discourse grammar*, Oxford, Oxford University Press.
- Levelt, William. 1989. *Speaking*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Longhin, Sanderléia Roberta. 1999. *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*, Dissertação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Inédita.
- Longhin-Thomazi, Sanderléia Roberta e Ilari, Rodolfo. 2000. Uma leitura hallidayiana das sentenças clivadas do português, *Alfa*, 44: 193-213.
- Pezatti, Erotilde Goreti e Fontes, Michel Gustavo. 2010. As interrogativas de conteúdo nas variedades do português falado, *Revista do GEL*, 07: 171-197.
- Taglicht, John. 1984. *Message and emphasis: on focus and scope in English*, London, Longman.
- Travaglia, Luiz Carlos. 2006. O relevo no processamento da informação, en C. C. S. Jubran; I. G. V. Koch (orgs.), *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*, v. 1, Campinas, Editora da UNICAMP: 167-215.